

CONTRA AS «CAPITANIAS»

A coroa portuguesa pretendia dividir o Brasil em pedaços, e entregá-los a diversos capitães para exploração e colonização. De posse deste informe de nosso correspondente em Lisboa, somos obrigados a declarar, de público, nossa total discordância quanto ao que se pretendia fazer.

Teriam influído nessa decisão cartas a D. João III escritas por João de Melo Câmara e Diogo de Gouveia. Não deixamos de reconhecer nesses dois homens, principalmente no segundo, excepcionais qualidades de caráter, inteligência e cultura.

No entanto, manifestamos nossa inteira e total condeação à divisão do Brasil, da forma que se pretendia fazer.

Aqui fica o nosso ponto de vista firmado com conhecimento de causa, baseado no qual, correndo todos os riscos, afirmamos que o sistema que se pretendia lançar no Brasil estaria destinado, de antemão, ao mais completo e total fracasso. Essencialmente porque a administração da colônia seria imediatamente prejudicada, assim como correriam graves riscos a unidade territorial e política das enormes terras brasileiras.

Se se confirmar esta notícia colhida em fontes oficiais, pedimos a Deus que estejamos errados, mas, infelizmente, duvidamos muito que a coroa e a nova colônia possam tirar algum proveito do sistema.

COMANDANTE FRANCÊS MORTO EM PERNAMBUCO



MAPA MODERNO DO BRASIL

Ida e volta do capitão Pero Lopes

Bordo da Esquadra, 31, janeiro, 1531 (Do enviado especial)

Chegamos a Pernambuco, onde aprisionamos duas naus piratas francesas, ao nos aproximarmos do litoral.

Os tripulantes da primeira abandonaram o navio, fugindo para terra num batel. Continuou a esquadra a viagem para o Sul até que, à altura do cabo de S. Agostinho, novo barco apareceu, sendo abordado em poucos minutos. Sua carga, como a do outro, se compunha de pau-brasil. Pero Lopes, irmão do capitão, foi incumbido de fazer um reconhecimento nestas imediações.

COMBATE NAVAL

Bordo da Esquadra, próximo à Ilha de S. Aleixo, Pernambuco, 2, fevereiro, 1531 — Depois de quase 36 horas de combate, a nau «Princesa», comandada por Pero Lopes, conseguiu abordar um galeão francês, com o qual trocou tiros de bombardeio, desde ontem pela madrugada. Nosso barco recebeu 32 tiros, teve as velas rompidas e os aparelhos náuticos grandemente avariados; mas conseguiu vencer os franceses. Só agora à noite, quando a «Princesa» abordava o galeão, é que chegou ao local do combate o resto da esquadra de Martin Afonso.

Foram feitos muitos prisioneiros, sendo apreendidas várias peças de artilharia e grande carga de pau-brasil. Não sofremos baixas, enquanto seis dos franceses estão feridos.

(Conclui na pág. 2)

Brasileiros devoram os vencidos

São Vicente, 22, janeiro, 1532 (Da Sucursal)

Esta sucursal de O BRASIL EM JORNAL, hoje instalada, juntamente com a vila de São Vicente, envia para os leitores, como seu primeiro despacho, uma entrevista exclusiva feita com João Ramalho, o sertanista português, aqui encontrado pelo capitão-mor Afonso de Sousa, e que há 20 anos vive nestas terras.

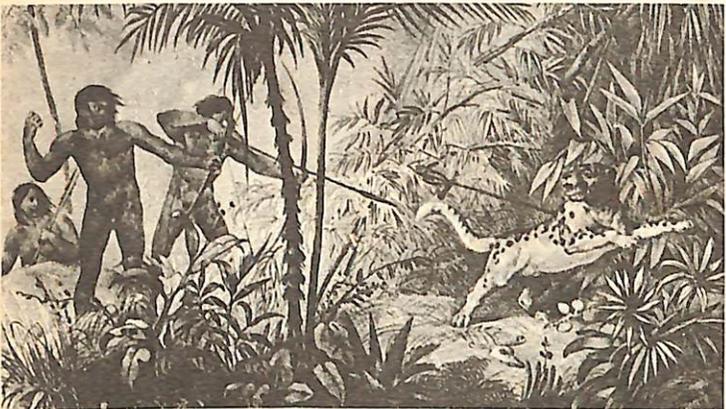
Ninguém melhor do que Ramalho para nos dizer alguma coisa sobre os hábitos e costumes dos índios brasileiros.

CAÇA E PESCA

— «A custa de experiência e observação, posso dizer ao seu jornal como eles vivem, comem, lutam, vestem e se organizam em sociedade. Muito terá o senhor que escrever sobre os habitantes destas terras. Infelizmente, como estou de partida para o planalto, até onde guiarei o capitão-mor, terei que restringir minhas informações ao mínimo.

«Eles se alimentam da caça e da pesca. Usam anzol e linha e, às vezes, a própria flecha nas pescarias. Utilizam até mesmo o timbó, erva venenosa para os peixes, mas à qual o homem é imune. Uma espécie de rede, o puçá, também serve de instrumento. E o senhor não se admire de ver índios pegando peixes à unha. Alguns são capazes disso.»

(Conclui na pág. 2)



ÍNDIO

Pontaria certa

Água do Rio de Janeiro maravilhou Pero Lopes

Faro, Portugal, janeiro, 1533

Logo após o regresso do Brasil, Pero Lopes foi chamado a Évora pelo rei D. João III, para apresentar relatório principalmente sobre os últimos acontecimentos de Pernambuco.

Antes da partida do capitão, conseguimos uma entrevista na

qual ele praticamente adianta os termos das explicações que dará a Sua Majestade. Sabe-se, por outro lado, que o governo francês vai protestar enérgicamente contra o afundamento ou apreensão de 4 naus nas costas brasileiras.

(Conclui na pág. 2)

FUNDADAS S. VICENTE E PIRATININGA

Lisboa, agosto, 1533

Martim Afonso de Sousa, capitão-mor da esquadra que partiu para o Brasil em dezembro de 30, de lá regressou agora, tendo tido um desembarque bastante concorrido.

A reportagem ouviu-o ainda a bordo da nau-capitânia da esquadra de Antônio Saldanha, na qual viajou.

(Conclui na pág. 2)

PERDIDOS NO SERTÃO

S. Vicente, 31, dezembro, 1533 (Da sucursal - Urgente)

São dados como perdidos no sertão brasileiro, Pero Lôbo, Francisco Chaves e os 80 homens que partiram em busca de ouro e prata. Saíram daqui em 1.º de setembro de 31 e deveriam ter retornado no máximo há dois anos.

Teme-se que tenham morrido vítimas da fome, das moléstias ou dos índios antropófagos.

(Conclui na pág. 2)

Dominados os incas

Cajamarca, Peru, 29, agosto, 1533 (Urgente)

Ataualpa, imperador dos incas, foi hoje estrangulado pelo carrasco, enquanto várias de suas esposas se suicidavam. Seu corpo, esquartejado, está sendo enviado aos pedaços para ser exposto em várias regiões do império.

Inicialmente fôra condenado à fogueira, acusado pelo conquistador Francisco Pizarro, comandante espanhol, de usurpação, fratricídio, plano de destruição dos espanhóis, idolatria, adultério e apropriação fraudulenta! Convertendo-se ao catolicismo, sua pena foi modificada.

Mas nem mesmo a maioria dos soldados e capitães espanhóis está de acordo com esta execução, ordenada por seu chefe supremo, considerada por alguns como crime hediondo.

(Despachos completos na pág. 6)



ATAUALPA TRAI DO

Vê-se claramente, em meio ao massacre, Pizarro segurando o imperador inca pelo pé

O Brasil em Jornal

1531/33 N.º 4	"A HISTÓRIA EM NOTICIA"	Comum: Cr\$ 10,00 Aéreo: Cr\$ 12,00 Atrasado: Cr\$ 15,00
Diretor: AMARAL NETTO	Assessores: GUSTAVO BARROSO JAYME COELHO	Redator-chefe: CLAUDIO SOARES

SERPENTE DE FOGO SÔBRE PARIS

Paris, 7, agosto, 1531 (Urgente)

Um verdadeiro pandemônio tomou conta de Paris desde as primeiras horas da noite de ontem até o alvorecer, quando nos céus apareceu uma espécie de dragão ou serpente flamejante, iluminando a capital.

Homens, mulheres e crianças se precipitaram para as ruas, muitos em trajes menores, com o pavor estampado nas fisionomias e a gritar: — «E o fim do mundo! Salvai-nos Senhor!»

Alguns afirmavam já estar ouvindo as trombetas do Juízo Final. O povo, em desespero, caía de joelhos, implorando perdão para os seus pecados.

Só às últimas horas da madrugada é que os astrónomos reais informaram que se tratava de um cometa. Isso despertou nova inquietação, uma vez que ele é, sabidamente, sinal de catástrofe.

Contam-se mortes de reis e casos terríveis de peste, depois da sua aparição.

MORRE A RAINHA-MÃE!

Paris, 22, setembro, 1531 (Urgente) — A rainha-mãe, Luísa de Savóia, vem de falecer 15 dias depois de ter desaparecido dos céus de Paris o cometa que nela permaneceu durante um mês! As janelas do apartamento em que ela se encontrava doente haviam sido vedadas. As vésperas do desenlace, uma camareira, por descuido, descerrou as cortinas. Luísa, vendo o cometa, disse com firmeza: — «Aí está um sinal que não aparece para as pessoas de baixa qualidade. Deus o manda para os grandes como nós. Ele anuncia a minha morte. Fecha a janela e chama um padre para que me prepare.»

Comandante francês morto em Pernambuco

BRASILEIROS DEVORAM OS VENCIDOS

Conclusão da pág. 1)

MARTIM DESAPARECIDO !

Pôrto de Pernambuco, 18, fevereiro, 1531 — A nau «Rosa», do capitão Martim Afonso, que para cá rumou depois de deixar o resto da esquadra em pontos diferentes, ainda não apareceu.

A «Princesa», de Pero Lopes, permaneceu até 10 de fevereiro num ponto da costa desta região, onde, depois de sofrer sua tripulação as agruras da sede, se viu obrigada a ir à terra, apesar da hostilidade aparente de alguns índios. Feitas as provisões, tomou o rumo deste pôrto, onde já encontrou a nau-capitânia, o galeão «São Vicente» e uma das naus francesas aprisionadas.

Há dois meses, em meados de dezembro, um navio francês bombardeou o pôrto e assaltou a feitoria.

CHEGA A «ROSA»

Pernambuco, 19, fevereiro, 1531 — Ontem à noite acendemos fogueiras para guiar a nau de Martim Afonso, que apareceu na barra.

João de Sousa foi mandado para Portugal, comandando um dos navios franceses. Pero Lopes assumiu o comando de outro que foi batizado de «Nossa Senhora das Candeias». A terceira nau gaulesa foi incendiada.

«Rosa» e «Princesa», sob o comando de Diogo Leite, zarparam para o Norte. Objetivo: descobrir o rio Maranhão. Continua desaparecida a «São Miguel», que é comandada por Heitor de Sousa. Restam agora neste pôrto três unidades: «São Vicente», de Pedro Lôbo Pinheiro; «Nossa Senhora das Candeias», de Pero Lopes, e a capitânia de Martim Afonso.

A reportagem de O BRASIL EM JORNAL seguirá viagem a bordo da «N. S. das Candeias» com Pero Lopes de Sousa. Estamos muito preocupados com o desaparecimento da «São Miguel».

CHEGADA A TODOS OS SANTOS

Todos os Santos, 13, março, 1531 — Depois de uma verdadeira odisséia marítima, na qual este repórter escapou de morrer esmagado pelo mastro da «N. S. das Candeias», derubado sobre o convés por um raio, chegamos a esta baía ao meio-dia, juntamente com os outros dois navios da esquadra.

Foram dez dias terríveis em alto-mar. Verdadeiros tufões se abateram sobre as naus. As duas bombas da «N. S. das Candeias» funcionaram sem parar, única maneira de impedir que afundássemos. Chuvas de pedra castigaram a esquadra, com os navios perdidos em meio aos vagalhões gigantes que faziam estalar o madeirame. No nosso barco a quebra da vêrga do traquete representou a salvação, pois, do contrário, teríamos soçobrado. Quando um raio derrubou o mastro, no dia 10, ele tombou a um passo de onde nos encontrávamos. Fizemos o Sinal-da-Cruz e caímos de joelhos, quando um cheiro terrível de enxofre se seguiu ao estrondo do trovão. Havíamos nascido outra vez!

Hoje é domingo e o sol a pino enfeita ainda mais a beleza extraordinária desta baía. Os navios necessitam de reparos urgentes e precisamos reabastecer-nos de água, lenha e mantimentos.

ENCONTRO COM DIOGO

Todos os Santos, 17, março, 1531 — Uma grande surpresa nos esperava aqui. Um português, de nome Diogo Alvares, veio saudar-nos com os principais da terra. Entre abraços e

explicações, soubemos que ele aqui se encontra há 22 anos. Tem mulher índia e vários filhos.

Enquanto reparávamos os navios e recolhíamos mantimentos trazidos pelos índios, eles nos fizeram assistir a danças curiosas.

O capitão-mor determinou a partida, para hoje à tarde, rumo ao Sul.

MAU TEMPO OBRIGA VOLTA

Todos os Santos, 27, março, 1531 — Regressamos novamente a este pôrto. O mau tempo constante impediu que prosseguíssemos viagem para o Sul. Durante nossa ausência, entrou na baía a nau portuguesa «Santa Maria do Cabo». O capitão-mor mandou que fossem soltos escravos que nela se encontravam, libertando também o piloto que estava a ferros. O «Santa Maria» foi incorporado à esquadra.

O feitor de Pernambuco, fugido depois do assalto francês, vinha a seu bordo.

TRES MESES NO RIO

Rio de Janeiro, 1, agosto, 1531 — Há três meses, desde 30 de abril, que estamos neste magnífico pôrto do Rio de Janeiro. Construimos uma casa forte, enquanto a marujada punha em ordem seus apetrechos e armas. Num pequeno estaleiro improvisado foram feitos dois bergantins de 15 bancos.

4 homens permaneceram dois meses em exploração no interior. Este repórter não pôde acompanhá-los nessa viagem de 115 léguas, das quais 65 por montanhas altíssimas. Eles encontraram um grande senhor selvagem que lhes prestou homenagem e os guiou de volta. Trouxeram muitas pedras de cristal e afirmaram que existe ouro e prata na região.

Fizemos reservas de mantimentos para um ano e nos preparamos para deixar o pôrto do Rio de Janeiro do qual nos dizia há pouco o capitão Pero Lopes ser uma região de «águas excelentes com habitantes de grande gentileza.»

EXPEDIÇÃO RUMO AO OURO

Ilha de Cananéia, 26, setembro, 1531 — Aqui nos encontramos desde 12 de agosto. Logo que chegamos a esta ilha, mandou Martim Afonso o piloto e intérprete Pedro Anes, num dos bergantins, explorar terra firme, subindo um rio ali existente. Outra surpresa estava reservada à esquadra, pois, no dia 17 do mês passado, Anes regressou com um português que se diz bachelar e um espanhol, Francisco Chaves, que aqui se encontram há muito tempo. Com

êles vieram cinco ou seis castelhanos. Chaves converceu o capitão-mor a mandar com ele, para o interior, Pero Lôbo e 80 homens, prometendo que daqui a 10 meses regressarão com 400 escravos carregados de ouro e prata! A tropa de exploração partiu no dia 1º, rumo ao desconhecido.

NAUFRAGA A NAU CAPITANIA !

Sul da Ilha das Palmas, 23, novembro, 1531 — Naufragou a nau-capitânia num temporal tremendo que assaltou a esquadra entre 13 e 23 de outubro, na passagem de um cabo próximo a esta ilha. Apesar de todos os nossos esforços, só conseguimos encontrar o capitão-mor, Martim Afonso, no dia 6. Ele se salvara boiando sobre uma tábua. A bordo da nau em que se encontra a reportagem, a «N. S. das Candeias», passamos momentos terríveis, quando estivemos a pique de bater numa enorme rocha. A perícia e a bravura de Pero Lopes salvaram-nos.

Ao todo, a esquadra perdeu 6 homens afogados e um outro, morto de susto em consequência da tormenta.

A 15, já nos encontrávamos todos sãos e salvos nesta maravilhosa ilha onde as flores são tão bonitas como em Portugal. Fizemos grandes pescarias de milhares de peixes que nos alimentam fartamente. As tempestades sucessivas inutilizaram a maior parte dos nossos mantimentos.

SUBINDO O RIO DA PRATA

Ilha das Palmas, 1º, janeiro, 1532 — O repórter subiu o rio da Prata com Pero Lopes e 30 homens armados. Fizemos o reconhecimento entre os dias 23 de novembro e 27 de dezembro. Deixamos vários padrões de posse em terras bellissimas. Encontramos índios muito fortes, entre os quais havia uma mulher, também selvagem, de rara beleza. Os homens usam cortar uma falange para cada parente que morre... Alguns, em ambas as mãos, não tinham mais que o polegar! Aqui mesmo, perto da ilha, existem índios muito estranhos. São os homens mais tristes que já vimos. Vestem-se com peles de animais e estão sempre suspirando ou chorando. Não dão a menor importância aos presentes que lhes damos.

O Natal foi comemorado em meio à fome, depois de um período de caça abundante, principalmente veados e emas.

Continua desaparecido um bergantim que desgarrou da esquadra na passagem de Patos. Martim Afonso mandou a «S. Maria do Cabo» a sua procura. Estamos para levantar ferros de volta ao Norte.

FUNDAÇÃO DE 2 POVOAÇÕES

São Vicente, 5, fevereiro, 1532 — Novamente neste pôrto, fundou o capitão-mor no dia 22 de janeiro a vila de S. Vicente. Nove léguas para o interior, estabeleceu outra vila, a de Piratininga. Martim Afonso está decidido a povoá-las, por considerar a terra muito boa. Distribuiu quinões das duas vilas pelos capitães e tripulantes. Realizaram-se festas. Já se celebram matrimônios, missas e se praticam atos oficiais.

Regressou a «Sta. Maria do Cabo» trazendo não o bergantim procurado, mas um novo, construído por 15 castelhanos que se encontravam em Patos há muito tempo. Disseram eles que no interior havia ouro e prata.

Assistimos à reunião de oficiais convocada por Martim Afonso. Nela ficou resolvido que as naus regressem a Portugal com as tripulações necessárias. O capitão-mor ficará nas duas vilas de S. Vicente e Piratininga, com o restante do pessoal da esquadra.

FRANCESES NOVAMENTE !

Ilha de Sto. Aleixo, 5, agosto, 1532 — 80 franceses que assaltaram a nossa fortaleza, aqui em Pernambuco, prendendo a guarnição de 7 portugueses, foram hoje derrotados por Pero Lopes, que os mantém presos sob palavra.

Êles vieram na nau «Pelé-rine» que, segundo fomos informados, daqui zarpuu levando contrabando.

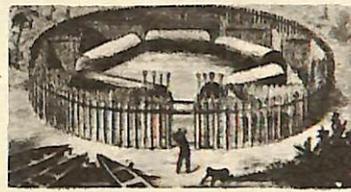
São comandados por De la Motte e se renderam logo que o capitão desembarcou com os reduzidos efetivos de 53 homens. Viemos de Todos os Santos, escala feita na viagem. Três dos nossos ficaram na Bahia, onde preferiram viver com os índios a continuar na esquadra.

ENFORCADO DE LA MOTTE !

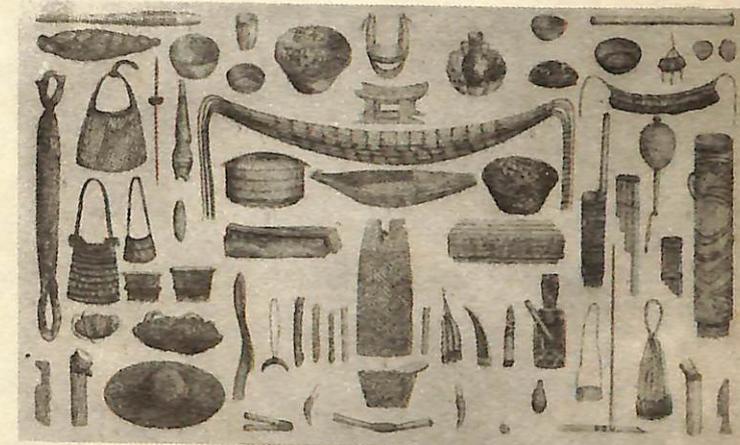
Pernambuco, 4, novembro, 1532 — Depois de enforcar o comandante francês De la Motte e alguns dos seus lugares-tenentes, estamos preparados para levantar ferros rumo a Lisboa.

O enforcamento foi causado por um motim dos prisioneiros franceses, que tramaram o assassinio do capitão Pero Lopes. Este com muita correção, vinha-os mantendo soltos sob palavra. Alguns índios se levantaram contra nós, tendo, inclusive, atirado flechas contra o capitão.

Sufocado com energia e violência o motim, vamos partir, deixando nesta feitoria uma guarnição sob o comando de Vicente Martins Ferreira.



Os brasileiros moram assim



PESCARIA
Com tudo isso pescam muito

Conclusão da pág. 1)

COMO SE VESTEM E HABITAM

Continuou Ramalho: — «Êles constroem suas casas com troncos de árvore e traves transversais ligadas com cipó. Cobrem-nas com folhas de palmeiras. Têm duas ou três portas, e o interior não é dividido. São as chamadas «oca» e se dispõem em grupos de quatro a sete em volta de um terreiro — «ocara», formando a «maloca» ou a «taba». São poucos seus utensílios: vasos de barro; bancos rústicos; rede tecida de algodão ou «tucum».

ARMAS E APARÊNCIA

— «O senhor já viu que êles cortam o cabelo como «coroa de frade» e arrancam os pêlos do corpo que enfeitam com tatuagens e pinturas feitas com urucu e genipapo. Os instrumentos de corte — veja-se aqui (Ramalho nos mostra) — são conchas e lascas de cristal de rocha. «A «uirapara» — arco — e a «uibá» — flecha — são suas armas principais. O «teca-pé» — tacape — galho cortado, espécie de clave que os chefes usam com desenhos e adornos caprichosos, também é muito comum. Certas tribos utilizam a «murucu» — lança — e a «zarabatana» — tubo que lança por sópro setas envenenadas.»

OS HABITOS GUERREIROS

Ramalho não se faz de rogado para prolongar um pouco mais a entrevista e satisfazer a nossa curiosidade.

— «O capitão pode esperar. E o senhor ficará sabendo, inclusive para estar prevenido, que algumas tribos fazem a guerra, de surpresa.»

«Outras a declaram de modo curioso e muito leal: desferem uma seta em direção à maloca inimiga, entalhando nela o número de dias, findos os quais atacarão. A flecha quebrada é símbolo de paz. Quando guerrelam, preferem fazer prisioneiros, a matar. E seus leitores vão ficar horrorizados, quando souberem que os vencedores devoram o inimigo com tanto mais rapidez, quanto maior tiver sido a coragem da vítima.»

«É um problema muito complexo, mas apurei que praticam esse tipo de antropofagia, por imposição religiosa. De acordo com ela, quem devora um inimigo valente e corajoso, adquire com a carne digerida as qualidades do morto.»

OS CHEFES

— «O chefe religioso se chama «papé». Além de sacerdote, professor e médico, êle mantém oralmente as tradições da tribo. O chefe militar é o «morubixaba», a quem obedecem os «tubixabas» ou «tuxauas» — capitães de guerra. Eles não têm um Deus só. Têm muitos. Entre êles, «guaraci» — o Sol, «jaci» — a Lua. Temem «tupã-cunanga» — trovão —, e «tupã-beraba» — raio. E acreditam numa espécie de diabo, a que chamam «anhã» ou «anhanga».

FRANÇA PODE DESCOBRIR

Paris, outubro, 1533

Francisco I conseguiu do Papa Clemente VII uma nova e favorável interpretação para o Tratado de Tordesilhas. Graças aos bons serviços de Le Veneur de Tilliers, opulento senhor, bispo e conde de Lisieux e abade de Saint Michel, além de «grande esmoler» da coroa, Clemente VII, logo após o casamento de sua sobrinha Catarina de Médicis com o segundo filho de Francisco, Henrique, duque de Orleans, deu um pronunciamento oficial afirmando que a divisão de terras estabelecida em Tordesilhas se referia somente aos continentes já descobertos.

Portanto, as terras e mares que se vierem a descobrir pertencerão aos países descobridores.

Consegue, assim, o rei de França ver vitorioso o seu ponto de vista, segundo o qual os mares devem ser livres, contra a opinião de Portugal e Espanha. É certo que tanto D. João III como Carlos V não concordarão com isso.

Os resultados imediatos da vitória obtida por Francisco I são dois: Le Veneur obteve o chapéu cardinalício ao mesmo tempo em que conseguia a nomeação real para que o navegante Jacques Cartier comandasse uma expedição que deverá partir para novas terras muito ao norte das descobertas por Colombo.



POR ENQUANTO, EM PAZ...

Francisco I, em meio a altas figuras da corte francesa, inclusive seus três filhos; cardeal Duprat, Montmorency e Claude d'Urfé.

"Paz das Damas" não pacificou cavalheiros

Paris, 31, dezembro, 1533 (Condensado dos despachos dos nossos correspondentes e observadores políticos)

Apesar da «Paz das Damas», a situação é muito tensa entre o rei Francisco I e o imperador Carlos V. São figuras de importância neste xadrez político-militar jogado pela Europa de hoje, o papa Clemente VII, Henrique VIII da Inglaterra, Solimão, o Magnífico, os príncipes alemães e o grande problema religioso, cada vez mais intrincado.

Em março de 1531, os príncipes e as cidades livres da Alemanha concluíram a Liga de Smalkade, cuja constituição anunciamos em furo de reportagem.

Em outubro, os duques da Baviera aderiram à Liga e, logo em seguida, em nome dos príncipes alemães, o líder reformista Melancton enviou cartas a Francisco I, implorando o seu apoio.

A guerra religiosa continua a ser preparada e, o que é pior para Carlos V, com os católicos alemães unidos aos protestantes, para manter a independência política de seus principados e cidades.

A 24 de outubro de 31, o Tratado de Saafeld considerou a liga aberta a Francisco I e a Henrique VIII, concitando-os a tomar a defesa da liberdade da Alemanha.

Em 25 de junho realizou-se em Nuremberg uma conferência européia, na qual Carlos V não conseguiu a formação de uma frente-única contra os invasores turcos. Francisco I enfrenta posição muito delicada, uma vez que está praticamente aliado a Solimão. Por isso, tudo fez para evitar o debate do problema turco. Nessa conferência, Carlos V foi obrigado a contemporizar com os príncipes alemães, concordando em transferir a execução das medidas religiosas para discussão no concílio que deverá ser convocado pelo Papa.

Em maio de 32, um novo tratado de assistência mútua entre alemães e franceses é assinado em Scheyern, enquanto a 20 do mesmo ano, Francisco I e Henrique VIII fingiam aliar-se contra os turcos, em Bolonha, quando apuramos, com absoluta segurança, que o que ali se fez foi um verdadeiro tratado contra Carlos V...

1533: A POSIÇÃO ESTE ANO

Ao mesmo tempo, o Papa osci-

la entre Francisco I e Carlos V. Ambos apresentaram candidato à mão da sobrinha do chefe da Igreja, Catarina de Médicis: o duque de Orleans, segundo filho de Francisco, pela França, e Francisco Sforza, duque de Milão, pelo Império Romano-Germânico.

O Papa, depois de encontrar-se em Bolonha com Carlos V, resolveu, afinal, conceder a mão de Catarina... ao duque de Orleans. Os dois príncipes se casaram em outubro, em Marselha e, em meio às grandes festas, Francisco I e Clemente VII consolidam sua aliança, o que não satisfaz a Henrique VIII, que está prestes a deflagrar o cisma em seu país.

O PROBLEMA TURCO

O grande problema de Francisco I, em meio a todo esse jogo, é a sua aproximação com os turcos. Eles trocaram embaixadas pomposas e fizeram um tratado comercial de grandes vantagens para a França no Oriente. O rei vem fugindo sempre aos convites de Carlos V para tomar parte numa cruzada contra os turcos na Hungria.

Essa posição lhe custa muito prestígio, ao mesmo tempo em que permite uma das mais confusas coalizões, qual seja a dele, rei «muito cristão», com os infelizes otomanos, com os luteranos e zwinglianos, e com o Papa, todas essas forças, por incrível que pareça, unidas entre si para enfrentar o poderio crescente de Carlos V.

Agora, a pedido do rei de França, a poderosa esquadra turca, comandada pelo velho pirata, bravo e audaz marinheiro Kheir-eddin, o «Barbarroxa», luta com a frota, também poderosa, do não menos bravo almirante André Dória, aliado de Carlos V. Esses dois homens controlam o Mediterrâneo, onde o segundo dirige a campanha do Peloponeso e mantém sob seu controle o golfo de Corinto.

INQUISIÇÃO EM PORTUGAL

Lisboa, dezembro, 1533 (Do correspondente)

Nos círculos diplomáticos desta cidade tem-se como certo o estabelecimento da Inquisição oficial em Portugal, brevemente. As negociações entre agentes de D. João III e a Santa Sé, embora tropeçando na intransigência do Sumo Pontífice, que se recusa a aceitar as exigências portuguesas, devem concluir-se a contento de D. João III.

Segundo se informa, o embaixador Henrique de Menezes deverá partir para Roma com cartas para Clemente VII.

Na bula de 7 de abril de 1533, o papa deu mostras de querer tratar com a máxima cordura os acusados de heresia. A bula é conhecida, em Portugal, como a do perdão.

ANA, RAINHA: HENRIQUE, EXCOMUNGADO

Roma, 11, julho, 1533 (Urgente)

O rei Henrique VIII da Inglaterra foi hoje excomungado pelo papa Clemente VII. A chancelaria papal recusou-se a fazer qualquer declaração especial à reportagem.

TINHA OLHOS DE RAINHA...

Londres, 1, junho, 1533

Ana Bolena, a camareira real de olhos azuis, conseguiu hoje, depois de seis anos de manobras e coqueteria, colocar sobre sua cabeça de perseverante ambiciosa a coroa de Rainha da Inglaterra. A solenidade, das mais elegantes e pomposas, foi presidida pelo arcebispo de Canterbury.

AS CAUSAS DA EXCOMUNHAO

Londres, 1533 (Condensado dos despachos do nosso correspondente)

O escandaloso «affaire» Ana Bolena-Henrique VIII teve início em 27, e os primeiros acontecimentos foram noticiados detalhadamente na nossa edição anterior.

O impaciente rei da Inglaterra, não conseguindo fazer com que o Papa o considerasse «solteiro», resolveu agir por suas próprias mãos, tendo em vista o fracasso total das negociações que tiveram como intermediários bispos, cardeais, escritores, humanistas, ministros, e até mesmo o próprio rei de França, Francisco I.

Como previmos, os acontecimentos, de gravidade indiscutível, se sucederam rapidamente. Depois da morte de Wolsey, perdidas as esperanças de um acordo com o Papa, a Câmara dos Lordes aprovou uma moção do arcebispo Warham que concedeu a Henrique VIII o título de Protetor da Igreja inglesa. Isto se deu exatamente a 11 de fevereiro de 31. A 10 de abril do ano passado, um «bill», aprovado pelo Parlamento, praticamente cortou qualquer dependência da Igreja britânica ao Papa.

Mas foi a 16 de maio que as coisas se complicaram, depois de dramáticos debates, foi aprovado um decreto que submeteu a Henrique VIII, com o título de Chefe da Igreja inglesa, todas as determinações, ordens, breves ou qualquer outra decisão papal.

De 1530 até agora, um verdadeiro pânico se apossou da Inglaterra. As perseguições se sucedem, tanto contra padres fiéis ao Papa, como contra os protestantes heréticos. Thomas Morus, o grande humanista e escritor, elevado ao posto de chanceler após a morte de Wolsey, surpreendeu a todos, agindo com extrema violência na repressão aos descontentes. O autor da «Utopia», interrogado por este correspondente sobre como podia conciliar suas teorias humanitárias com a prática de queimar diversos protestantes, fez a seguinte declaração: — «A isto sou obrigado pela própria necessidade de defender, com a Igreja nacional, as bases do Estado inglês.»

OS TRÊS «THOMAS»

No entanto, Morus se mostrou hostil à declaração de «solteirice» de Henrique VIII. Ao mesmo tempo, recusou-se a renegar a autoridade papal. Por isso, alguns dias antes da aprovação do «bill» a que nos referimos, justamente a 18 de março de 32, apresentou sua demissão ao rei.

Henrique VIII se viu, daí para cá, com sua crueldade, ambição, egoísmo e intransigência, já agora «negáveis», entregue às mãos

de outros dois «Thomas». Thomas Cramer, por ele nomeado arcebispo de Canterbury, com a morte de Warham, e Thomas Cromwell, que ocupou o lugar de Thomas Morus.

Cramer era professor em Cambridge. Cromwell, não constitui segredo para ninguém, é um aventureiro enriquecido em negócios de lá e, segundo afirmam fontes insuspeitas, absolutamente despedido de escrúpulos.

Assim, Henrique VIII não tem mais quem neutralize ou, pelo menos, contrabalance suas atitudes violentas e cruéis.

A DECLARAÇÃO DE NULIDADE

Em 25 de janeiro deste ano, tivemos notícia do casamento secreto de Henrique e Ana. Em março, bispos e teólogos se reuniram sob a presidência de Cramer, numa assembléia que, terminando a 23 de maio, aceitou a «solteirice» de Henrique VIII, quando aprovou um ato declaratório da nulidade de seu casamento com Catarina de Aragão, tia de Carlos V.

Nessa mesma declaração foram tornados nulos todos os ditos de Maria Tudor, filha de Henrique e Catarina, ao trono da Inglaterra.

Reina grande agitação popular. Mãe e filha, afastadas da corte há muito tempo, mantêm uma atitude recatada, merecendo simpatias gerais. O povo detesta Ana Bolena, considerada aventureira sem escrúpulos. O rei e Cromwell neutralizam a opinião pública, fazendo-a voltar-se a favor deles, quando transformam o rompimento com o Papa numa proclamação de independência religiosa e política da Inglaterra. Para estes últimos dias de 1533, são previstos acontecimentos muito graves. Sabe-se que Cromwell, por ordem do rei, se prepara para convocar o parlamento com o fim de obter medidas ainda mais drásticas, em relação à Igreja de Roma.

NASCE UMA FILHA DE ANA

Greenwich, 1533 (Urgente) — Ana Bolena, rainha da Inglaterra que aqui se encontra, acaba de ter uma filha que receberá o nome de Elizabeth.



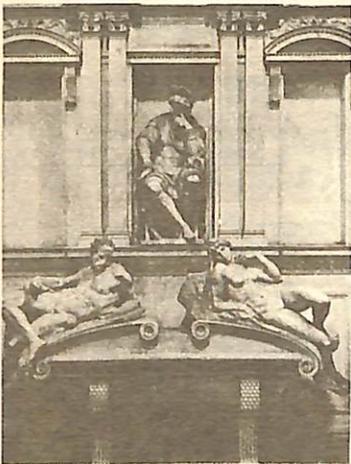
Este é um dos dentistas que trabalham nas ruas de Paris. Falando ao repórter, no momento em que colhíamos o flagrante, depois de ter arrancado o dente que traz na mão esquerda, com o alicate que está na direita, o dentista explicou que muitas vezes precisa de quatro ou cinco ajudantes... para segurar o cliente.

CUIDADO COM AS FALSAS RELIQUIAS

Prevenimos nossos leitores contra a ignominiosa exploração que aventureiros sem escrúpulos estão praticando contra o povo em toda a Europa. Trata-se da venda, por preços exorbitantes, de falsas relíquias, principalmente pequenos pedaços de madeira, como se fossem tirados do Lenho Sagrado em que foi crucificado Nosso Senhor Jesus Cristo.

Sobre essa exploração miserável, ouvimos a palavra do escritor Erasmo de Rotterdam, que afirma: — «Se fossem verdadeiros todos os pedaços do Lenho Sagrado que vêm sendo vendidos, dariam, não para recompor a Cruz mas, no mínimo, para construir um grande navio.»

MAJESTOSA OBRA DE MIGUEL ÂNGELO



Florença, 1533

Miguel Ângelo Buonarroti, sem favor algum a mais alta expressão da escultura contemporânea, terminou depois de 10 anos, a sua majestosa obra constituída pelo conjunto do túmulo de Lourenço II de Médicis, duque de Urbino, em exposição na nova capela de S. Lourenço.

A estátua de Lourenço, com o semblante frio e impenetrável que Miguel Ângelo lhe emprestou, encima o grandioso trabalho. Chama-na de «O Pensador». «O Crepúsculo», à direita, e «A Aurora», à esquerda, completam a obra agora terminada.

Ela foi encomendada pelos papas Leão X e Clemente VII, para o mausoléu de sua família, os poderosos Médicis.

O Brasil e o monopólio do açúcar

A viagem que Martim Afonso de Sousa acaba de realizar, atravessando duas vezes o oceano Atlântico e explorando os litorais do Brasil, é da maior importância para a obra colonizadora de Portugal.

O denodado capitão deu caça aos corsários franceses; reavivou, por onde quer que passasse, os sinais do domínio português deixados por aquelas expedições que desde 1501 o precederam; distribuiu povoadores com meios e recursos para o amanhã das terras; bateu tóda a costa até as águas do rio da Prata; fundou a primeira vila em São Vicente e nomeou as primeiras autoridades.

Podemos, afinal, considerar que foi ele quem de fato traçou o primeiro contorno político da colônia. Esta a grande obra que o Brasil lhe ficará devendo.

Devemos encarecer, no entanto, mais um grande serviço prestado pela ação colonizadora de Martim Afonso de Sousa: o estabelecimento em Santa Cruz da indústria açucareira, destinada em breve a se tornar a maior riqueza da nova colônia. Durante muitos séculos, o doce foi raro e por isso caro nos países da Europa, que somente conheciam e usavam o mel das abelhas. Do Oriente começou a vir o açúcar feito da cana, que os venezianos monopolizaram e distribuíam por todo o continente, ao preço que ditavam.

Os árabes, quando dominaram a Sicília, fizeram plantações de cana em alguns lugares da ilha e estabeleceram engenhos produtores; mas seu domínio foi de curta duração, não tendo tempo de produzir para suprir pelo menos os mercados do Mediterrâneo.

Veneza continuou, pois, dona incontestada dos negócios do açúcar. Droga de alto preço, somente se encontrava na despensa e mesa dos ricos. Os pobres o ignoravam.

Dai a necessidade de romper o odioso monopólio, aumentar a produção, baratear o custo do produto e pô-lo ao alcance também dos remediados. Para isso, os portugueses começaram a entregar-se ao cultivo da cana-de-açúcar nas ilhas de S. Tomé e da Madeira, nos arquipélagos dos Açores e de Cabo-Verde. Agora a cultura se estende ao Brasil, iniciada no Norte e no Sul da colônia, em Pernambuco e em S. Vicente, como o mais notável e valioso resultado da obra colonizadora de Martim Afonso de Sousa.

Tudo leva a vaticinar grande surto e feliz êxito para a produção dos açúcares do Brasil, que libertarão a Europa inteira do pesado monopólio de Veneza.

Este século, no Brasil, é o do pau-de-tinta; mas ousamos afirmar que o próximo século será o do açúcar.

ESPORTES

CATCH INTERNACIONAL

Sabe-se hoje, com certeza, que o esporte influiu decisivamente nas relações político-militares entre a França e a Inglaterra. O fato é que, no célebre encontro entre Francisco I e Henrique VIII, no Campo do Pavilhão de Ouro, se travou entre os dois soberanos uma luta de «catch-as-catch-can». Henrique muito mais alto e muito mais forte que Francisco, não tem, no entanto, a agilidade e o treinamento esportivo do soberano francês.

Nosso informante — que assistiu ao desafio — diz que os diplomatas franceses aconselharam seu rei a perder propositadamente a luta, uma vez que, sendo Henrique muito vaidoso, não toleraria pacificamente uma derrota. Este teria prometido perder, mas, durante a luta, assistida por damas das duas embaixadas — luxuosíssimas — o rei de França não conseguiu con-

ter sua vaidade e, em poucos minutos, liquidou Henrique com uma chave que o imobilizou, obrigando-o a considerar perdido o combate.

Pouco depois, a Inglaterra rompia com a França e se passava para o lado de Carlos V.

ARCO PERDE TERRENO

Londres, 1531 (Do correspondente) — O uso generalizado do arcabuz está matando um esporte tradicional da Inglaterra: o arco-e-flecha.

Embora a alta roda ainda pratique o arco-e-flecha, o arcabuz ganha terreno e até mulheres já são exímias atiradoras.

O arqueiro inglês, com seu arco de grande tamanho, figura característica do país, está pois destinado a desaparecer.

A própria defesa do arco-e-flecha, de Roger Ascham, patriota da velha escola, é agora muito ridicularizada.

A MODA COMO ELA É



A par das mutações da moda essencialmente feminina, ditadas pela conveniência da elegância, e justificáveis pela importância cada vez maior da mulher neste admirável mundo do século XVI, os homens também evoluem no vestir, simplificando a indumentária pesadona de outras épocas, tornando-se, eles mesmos, mais elegantes.

Sirva de exemplo a nova moda dos barretes. Abandona-se, mais e mais, o uso exagerado de adorno. O mais que se admite é uma pluma, um bordado discreto no tecido mole dos barretes.

O burguês usa-o simples, sem barras. Os

nobres conjugam-no com uma elegante garganilha rendilhada.

As mulheres, a quem consultamos sobre a nova tendência simplificadora, mostraram-se entusiasmadas. A opinião unânime é a de que os novos chapéuzinhos tornam mais fáceis os passos de dança e ocultam menos o rosto dos homens.

VOCABULÁRIO BRASILEIRO

O BRASIL EM JORNAL, graças aos serviços de suas sucursais recém-instaladas em São Vicente, Piratininga e Pernambuco, no Brasil, começa a publicar, neste número, um «Pequeno Vocabulário da Língua Brasileira». Pretendemos, assim, ajudar aos que se destinam àquelas terras.

Na primeira coluna se encontram as palavras grafadas como são ditas pelos brasileiros e, na segunda, a tradução portuguesa.

Ig	— Água
Jecitiacaba	— Amigo
Pindá	— Anzol
Catú	— Bom, boa
Oca	— Casa
Ymomedarigpiga	— Casado (a)
Tiguire	— Ciúme
Miú	— Comida
Apeeraib	— Convalescer
Baemogigpara	— Cozinheiro
Quigá	— Sujo (a)
Eimbour	— Dá-me
Moraceya	— Dança
Aioyoy	— Dar de comer
Aimbou	— Dar de beber
Yxe	— Eu
Abá	— Homem
Cunhá	— Mulher
Ambigacig	— Fome
Nheranéigma	— Pacífico

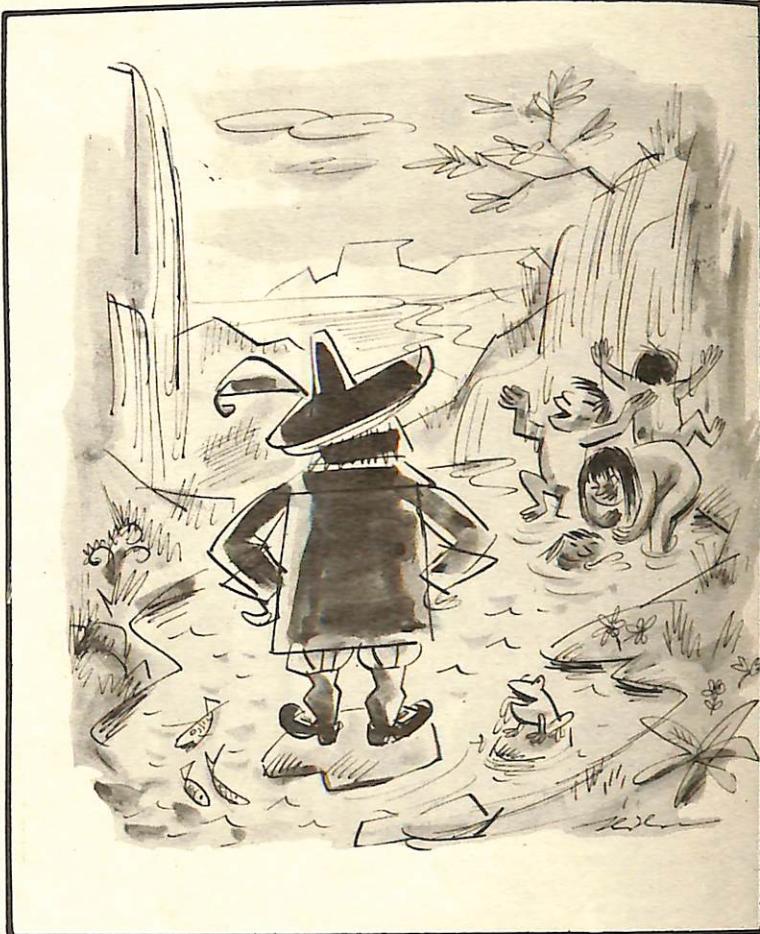
TZAR DA RÚSSIA AOS 3 ANOS

Moscú, 1533 (Urgente)

Ivan, um menino de 3 anos, recebe o título de czar da Rússia, com a morte de Basílio III, que governou desde 1505 e que, com punho de ferro e de armas na mão, consolidou, estendeu e dominou este país, graças à obra de conquista e de independência iniciadas pelo avô do novo czar, Ivan III, morto em 1505.

Fontes ligadas ao palácio imperial, e observadores geralmente bem informados, prevêem dificuldades muito sérias a surgirem nos próximos anos, por causa dos partidos que disputam a ascendência política sobre a tzarina-mãe, Helena, viúva de Basílio, que se tornou regente até que o filho possa assumir o governo.

O novo czar recebeu o nome de Ivan IV.



DA REDAÇÃO AO LEITOR

1. Chamamos a atenção dos nossos prezados leitores para o erro ocorrido na nota que demos em nosso 2º número, sobre a morte de D. Manuel I, rei de Portugal. A data está como 13 de dezembro de 1517, quando, na realidade, deveria ser 13 de dezembro de 1521.

No mesmo número, 1º pág., aparece Worman, em vez de Worms.

MÚSICA

Muito bonitas as primeiras «Canções da Guerra» de Clemente Janequin, que ouvimos em primeira mão.

Padre Passereau está com belas canções polifônicas. Destacamos, especialmente, «E belo e bom».

O flamengo Nicolau Gombert, ex-discípulo de Josquin de Près que foi convidado pelo imperador Carlos V para mestre de sua capela, está trabalhando numa série de madrigais que pretende lançar brevemente.

EDUCAÇÃO E ENSINO

UNIVERSIDADE DE PARIS

A Sorbonne, fundada por Robert Sorbon, em 1253, e que foi, inicialmente, uma instalação para estudantes pobres, está de tal modo conhecida na Europa, que mesmo os meios culturais a confundem com a própria Universidade de Paris.

Os professores são pagos pelos alunos e ensinam, principalmente, Teologia. As cadeiras são optativas. Cada um escolhe o que deseja estudar e a aprovação é feita em votação secreta, seguindo-se a concessão de grau. Os exames são públicos e consistem na discussão de um tema escolhido, que dura um dia inteiro. Cada escolar apresenta um resumo de sua tese.

UNIVERSIDADE DE OXFORD

Esta universidade é formada de vários colégios particulares dentre os quais o recém-fundado «Christ Church College», de iniciativa do falecido cardeal Wolsey. Neste, há um sino, o «Great Tom», que pesa 17 mil libras.

Além deste, citamos «Brasenose College» e o «Corpus Christi College». Em todos eles, o mecanismo colegial funciona como na Sorbonne.



PATRONOS DOS MEDICOS DE PARIS

S. Cosme e S. Damião, mártires canonizados. O primeiro examina um vidro de urina e o segundo segura um pote de remédio.

O BRASIL EM JORNAL

Propriedade da EDITORA REFORMA S/A Rua México, 111, 5.º andar, g. 501, tel.: 22-6807 End. Tele. REFORMA RIO DE JANEIRO

Secretário

RUBEM DE AZEVEDO LIMA

Paginação

WALDYR FIGUEIREDO

Ilustração

HILDE e ADAIL

Chefe de oficina

RAUL F. S. LOPES

Revisão

GABRIEL CHAVES DE MELO

Promoção

TITO S. CAVALCANTI

•Número avulso.... Cr\$ 10, Aéreo.... Cr\$ 12,

Assinatura Anual: (24 números)..... Cr\$ 200, Aérea..... Cr\$ 300,

EM SOCIEDADE

Muito «kar» o relógio de bôlo de Francisco I, modelo «ôvo de Nuremberg». Ele possui um mecanismo com corda para 40 horas e, em lugar de mola, um pêlo de porco. Tem ainda um dispositivo para badalar. Aliás, o «ôvo de Nuremberg» foi inventado em 1509 por Peter Henlein, habilidoso artífice daquela cidade. Foi o primeiro relógio portátil que se conheceu.

★

Uma chuva muito «shangay» fez com que a entrada em Paris da rainha Leonor, viúva de D. Manuel de Portugal e irmã de Carlos V, agora casada com Francisco I, fosse transferida sucessivamente de 8 de março de 1531 até o dia 15 desse mesmo mês.

Ela foi coroada na Igreja de Saint-Denis no dia 5.



MUITO «KAR»

Leonor desilhou maravilhosamente, embora seu marido não desse atenção ao que se passava.

★

Foi muito «kar» o cortejo. As ruas forradas de tapeçarias e bandeiras multicores; os nobres em seus belos cavalos ajaezados; os pajens e as damas ricamente vestidas completavam o cortejo.

À frente a rainha em sua liteira recoberta de um tecido bordado a ouro, vestindo um corpete coberto de pérolas encimado por uma gargantilha de pedras preciosas. Sobre a cabeça, a elegantíssima soberana trazia uma coroa de ouro guarnecida de rubis e diamantes. Ao lado da liteira real, a cavalo, o delfim e o duque de Orleans. Logo atrás, a rainha-mãe Luísa de Savóia, seguida de príncipes e princesas.

Valeu a pena esperar uma semana em meio à chuva, para assistir ao magnífico cortejo que aconteceu com elegância poucas vezes vista.

★

Muito «shangay» foi a atitude de Francisco I. Ele ficou o tempo todo defronte de Notre Dame, na janela de uma casa nobre, apertando em suas mãos a mão de uma linda dama da corte, a senhorita Ana de Pisseleu.

Este colunista colheu entre outras opiniões, sobre o elegante cortejo, a do embaixador da Inglaterra: — «Tudo magnífico, muito francês. Só que o rei demonstrou, demais, pouco interesse no cortejo de sua esposa e muita intimidade chocante com determinada dama.»

★

Henrique, segundo filho de Francisco I, tomou parte no torneio de armas que se seguiu. Ele devia cavalgar até ao local onde estivesse a dama de sua admiração e, à frente dela, baixar o seu estandarte.

Causou surpresa geral o gesto de Henrique, quando ele homenageou a mulher de Louis de Brezé, grande senescal de França, a elegantíssima Diana de Poitiers...

O jovem Henrique é 22 anos mais moço que ela.

★

Muito «kar» a cerimônia do casamento do segundo príncipe de França, Henrique, com a princesa Catarina de Médicis, sobrinha do papa Clemente VII. O próprio Papa abençoou os noivos e prometeu um dote magnífico: 100 mil escudos de ouro e, como ele próprio disse, «três perolas de valor inestimável: Gênova, Milão e Nápoles».

★

Muito misturado o «xerez» que se bebe na corte de Henrique VIII. Este colunista tem ouvido queixas insistentes de quantos nobres estrangeiros são aqui recepcionados e que não concordam absolutamente com esse hábito «shangay» dos ingleses, de adicionar água ao «xerez».

★

Aqui em Lisboa são muito comentadas as histórias picantes que o violento senhor Pero Lopes de Sousa, de volta do Brasil, tem contado sobre certa índia do estero dos Carandins, no Rio da Prata...

★

Murmura-se na sociedade parisiense que a falecida rainha-mãe, Luísa de Savóia teria sido a causadora da traição do duque de Bourbon, também já falecido. Esses murmúrios dizem que a rainha, desesperada pelas negativas de Bourbon, com quem queria casar-se, passou a persegui-lo, tendo sido esse o motivo principal do confisco dos bens do senhor em questão, confisco que deu margem a sua adesão aos exércitos de Carlos V, que acabaram por derrotar e prender o filho de Luísa, Francisco I.

★

Está acontecendo neste ano de 1533 o sexto niver do príncipezinho Filipe, filho de Carlos V, e que decididamente é muito mimado por sua mãe, a rainha Isabel, irmã de D. João III de Portugal.

★

A cegonha visitou o lar muito asiático de um dos mais poderosos senhores do retalhado império japonês. Em 1531 nasceu um menino que recebeu o nome de Nabunaga e que um dia, certamente, acontecerá, ele também, como poderoso senhor.

EM

BUSCA

DO

"ELDORADO"

Augsburgo, 1533

A concretização do velho sonho do Eldorado está sendo tentada pelos banqueiros Welsler, desta cidade, que obtiveram uma concessão do imperador Carlos V para explorar ouro e prata na região do lago de Maracaibo, na Venezuela.

Os Welsler possuem agentes bancários em São Domingos, desde 1525, e são, hoje, um dos grupos financeiros mais poderosos da Europa.

No ano passado seguiu a primeira expedição em busca do «país que vive em meio às mais extraordinárias riquezas, governado por um rei coberto de ouro em pó e plumas coloridas».

Existem no Eldorado — afirmam os aventureiros — montanhas de ouro maciço; até mesmo os menores atesilios são feitos desse metal. Notícias aqui chegadas informam que nada foi descoberto ainda. No entanto, os expedicionários já travaram ferozes batalhas com indígenas e até agora uma única coisa de lá mandaram: nativos escravizados.

Na casa bancária dos Welsler não conseguimos nenhuma outra informação sobre a expedição. Informantes insuspeitos, chegados há pouco de viagens pelo novo continente, afirmam que na região da Venezuela estão sendo praticadas violências e crueldades tremendas contra os silvícolas.



LE-SE MAIS

Uma das oficinas impressoras da Europa, em pleno funcionamento

LIVROS E PUBLICAÇÕES

Registramos neste período a divulgação de obras de suma importância na literatura mundial.

Margarida, rainha de Navarra, irmã de Francisco I, considerada, com inteira justiça, a mais destacada figura feminina da atual literatura francesa, publicou (1531) «Espelho da alma pecadora»; Francisco Rabelais, escritor e médico francês, lançou o primeiro livro (1532) de seu «Pantagruel», com grande sucesso; Roberto Etienne, cuja família de impressores e livreiros é hoje famosa em todo o mundo, começou a lançar seu «Tesouro da língua latina»; Desidério Erasmo, o conhecido humanista holandês, publicou mais uma obra: «De amabili concordia»; o professor alemão de matemática e astronomia João Schoner fez imprimir seu «Opusculum geographicum».

★

Maquiavel, cuja morte noticiamos na edição anterior, na sua obra ainda não publicada, «O Príncipe», transmite seus conceitos sobre a política com as seguintes palavras: — «É preciso considerar que existem duas

espécies de luta: uma, por intermédio da lei, outra, pela força. A primeira é própria dos homens, a segunda dos animais. Como a primeira é, muitas vezes, insuficiente, ficamos obrigados a recorrer à segunda. Assim, o governante deve servir-se do processo dos homens tão bem como do processo dos animais. E, se é preciso aprender os modos dos animais, o governante escolhe os da raposa e do leão, porque um leão não pode defender-se de serpentes, e uma raposa, dos lobos. Em consequência, é preciso ser como uma raposa para saber reconhecer as serpentes e, como um leão, para derrotar os lobos.»

Esta é a noção primeira de uma política realista.

★

João de Barros vem de lançar um curioso livro, em que discute o entendimento, a vontade e a razão sobre matérias políticas e administrativas. O título do trabalho de Barros é «Ropica pneumonia».

A propósito de João de Barros, podemos adiantar que é intenção sua lançar, brevemente, uma gramática e uma cartilha para aprendizado da leitura.

APRISIONADA NAU FRANCESA

Litoral de Málaga, agosto, 1531 — (Urgente)

A esquadra portuguesa de Antônio Correia aprisionou a

cinco milhas da costa a nau francesa «Pèlerine», comandada pelo capitão Barran. A nau vinha de Pernambuco e encontrou a esquadra portuguesa no porto de Málaga. Como partissem no mesmo rumo, os navios saíram todos juntos, depois de terem os portugueses fornecido mantimentos aos franceses.

Agora, D. Martinho que viaja na esquadra, para Roma, como enviado especial de D. João III para cuidar da instauração da Santa Inquisição em Portugal, mandou chamar a bordo da capitânia lusa o comandante francês e sua oficialidade para «decidirem sobre o que fazer diante da calmaria em que se encontram».

Mal chegaram, os oficiais franceses foram postos a ferros, apesar de todos os seus protestos. Vão para Lisboa, juntamente com a «Pèlerine», acusados de «contrabando de mercadorias roubadas no Brasil.»

Barran declarou que nada transporta de proibido. O barco francês traz 5 mil quintais de pau-brasil, sementes, 300 quintais de algodão, 600 papagaios já falando algumas palavras de francês e, portanto, muito valiosos, 3 mil peles de animais, 300 macacos, algum ouro e óleos medicinais. Embora confessando que tudo foi embarcado no Brasil, principalmente em Pernambuco, Barran não se conforma com a prisão e o confisco.

Conseguimos de um dos oficiais franceses a declaração de que a nau atacou e tomou a frotoria portuguesa de Pernambuco, ocupando-a com 80 homens, que, sob o comando de um sr. De la Motte, lá ficaram. A reportagem apurou, ainda, que o navio pertence ao barão de Saint Blanchard. Foram gastos cerca de 4 mil escudos na construção de um novo forte em Pernambuco. A carga da «Pèlerine» é avaliada pelo capitão português, Antônio Correia, em 62.300 ducados.

ASTRONOMIA

O primeiro observatório astronômico do mundo foi montado em Nuremberg, por um rico comerciante daquela cidade, para o grande estudioso que foi Regiomontano, falecido em 1476.

Pouco antes de morrer, em 75, publicou suas tábuas astronômicas e de navegação, que se constituíram em elementos básicos para as grandes viagens de descobrimento — de Colombo, Vasco da Gama, Vespúcio e Cabral.

Essas tábuas são válidas até 1560, apesar das modificações registradas através dos anos. Dão os senos de cada minuto de arco, longitudes do Sol e da Lua, as latitudes desta, e previram, em lista, os eclipses sucedidos entre 1475 e 1530. Regiomontano foi, sem dú-

vida, o pioneiro da nova astronomia.

UM NOME E UM HOMEM

Frauenburg, 1533

Este correspondente tem o privilégio de ser o primeiro a enviar para um jornal o nome de um cônego pouco conhecido, que se encontra nesta cidade desde 1512. Trata-se de um grande estudioso de matemática, astronomia e medicina, que já cursou as universidades de Bolonha, Pádua, Ferrara e Roma. Desempenha pequenos cargos públicos e exerce gratuitamente a clínica médica, atendendo a quantos o procuram para aliviar seus males.

Apesar de sua discricção e modéstia, e da formal negativa em ser entrevistado, po-

demus informar que ele prepara uma obra de vulto sobre astronomia. Já em 29 deu a público, com reduzidíssima tiragem, um manuscrito intitulado «Comentarolus», no qual expõe as suas teorias revolucionárias sobre um «sistema planetário».

O nosso homem infelizmente não dispõe de um observatório em condições. Além dos instrumentos precários com que faz observações, sua vista é falha. Além disso, as noites aqui de Frauenburg não são muito claras e propícias à observação.

Gravem bem o nome desse cônego, nome que transmitimos em primeira mão para as colunas de um jornal. Temos a certeza de que ainda se projetará em todo o mundo. O cônego desta cidade se chama Nicolau Copérnico.

DOMINADOS OS INCAS

(conclusão - da pág. 1)

Panamá, janeiro, 1531 (Do enviado especial junto à expedição de Pizarro)

Estamos prontos para zarpar rumo a Tumbez no Peru. Como das duas vezes anteriores, Pizarro, comandante-em-chefe da expedição, tem como sócios Diogo de Almagro e Fernando Luque. Agora, Pizarro segue com os títulos de governador e capitão-general, com poderes de vice-rei sobre as terras que conquistar, além de sôdo, tudo concedido pela Coroa.

Diogo de Almagro leva o título de governador de Tumbez, e Luque, o de bispo da mesma região, assim como de «protetor universal dos índios do Peru». Bartolomeu Ruiz é o piloto-mor do mar do Sul, e Pedro de Cândia, comandante da artilharia. Os já célebres 13 companheiros de Pizarro na epopéia da ilha de Górgona receberam títulos de fidalguia.

A expedição conta com 180 homens e 27 cavalos que seguirão em três navios. Almagro ficará aqui, recrutando reforços que seguirão depois.

VITÓRIA E REFORÇOS

Ilha de Puná, 1531 (Do enviado especial) — Chegaram duas naus sob o comando de Fernando de Soto, trazendo 100 voluntários e alguns cavalos. Não conseguimos aportar em Tumbez, tendo desembarcado inicialmente em Coaque, onde, de surpresa, caímos sobre os índios locais, tomando-lhes ouro, prata, esmeraldas e alimentos em quantidade. Pizarro mandou para o Panamá uma grande quantidade de ouro, para convencer os que não acreditam na expedição. Depois, viemos para esta

ilha, cujos habitantes são inimigos dos tumbezinos.

Alguns descontentes que preparavam uma armadilha contra nós foram degolados na presença de Pizarro.

DISCÓRDIA ENTRE INCAS

Ilha de Puná, 1531 (Do enviado especial) — Dois irmãos se guerreiam para dominar o império inca: Atauvalpa e Huascar, filhos do imperador morto, Huyana Capac, que entre eles dividiu o império.

Pizarro pretende tirar partido da luta para dominar os Incas. Existe ainda um outro irmão, chamado Manco Capac. A luta entre Atauvalpa e Huascar, começou há pouco, depois de 5 anos de paz.

DESEMBARQUE EM TUMBEZ

Tumbez, 1532 (Do enviado especial) — Depois de escaramuças iniciais, ocupamos esta cidade abandonada por seus habitantes, que destruíram edifícios e celeiros. Com a promessa de bom tratamento feita por Pizarro, retornaram em paz.

FUNDADA S. MIGUEL

S. Miguel, 24, setembro, 1532 (Do enviado especial) — Avançando para o Sul, em princípio de maio, fundamos esta cidade, a 30 léguas de Tumbez. Estamos de partida com 177 homens e 67 cavalos. Fica uma guarda.

CONTACTO COM ATAUALPA

Cajamarca, 15, novembro, 1532 (Do enviado especial) — Depois de passar por Zaran, entramos nesta cidade de 10 mil habitantes, onde estabelecemos quartel-general. Fernando de Soto partiu em busca de Atauvalpa, tendo regressado com um emissário do imperador inca, trazendo ouro para Pizarro. O comandante mandou dizer a Atauvalpa que está disposto a ajudá-lo contra seus inimigos. Para atingirmos Cajamarca, enfrentamos uma tremenda tempestade de granizo e galgamos elevadas montanhas,

onde muitos homens e cavalos morreram de frio. O imperador Atauvalpa está acampado perto daqui. De Soto e Fernando, irmão de Pizarro, foram ao seu encontro, por ordem do comandante. Ele os recebeu friamente, sem sequer lhes dirigir a palavra. De Soto, para impressioná-lo, deu um galope e estancou tão perto do imperador, que a espuma da boca do animal borriçou as vestes de Atauvalpa, que, sem mover um músculo sequer, permaneceu impassível, apesar de nunca ter visto um cavalo.

DECISÃO TEMERÁRIA

Cajamarca, 15, novembro, 1532 (Do enviado especial) — Pizarro mandou convidar Atauvalpa e seus nobres para visitá-lo aqui. Apuramos, diante dos preparativos das tropas espanholas, que o comandante pretende aprisionar o imperador inca. A decisão é considerada temerária, em razão da absoluta e total inferioridade numérica e das consequências do ato.

Sabemos que Atauvalpa derrotou seu irmão Huascar e o executou.

MASSACRE E PRISÃO

Cajamarca, 16, novembro, 1532 (Do enviado especial) — Milhares de nobres Incas foram massacrados sob as nossas vistas, só escapando Atauvalpa, porque Pizarro limitou-se a prendê-lo. Eram cerca de 6 mil que aqui vieram a convite do conquistador. Frei Vicente Valverde, nosso capelão, estendeu a Bíblia a Atauvalpa, concitando-o a abjurar o paganismo.

O imperador arrancou-lhe a Bíblia das mãos, e arremessou-a por terra, gritando: «Não sou tributário de ninguém! Sou o maior príncipe da terra!» Foi então que o massacre teve início.

UM QUARTO CHEIO DE OURO

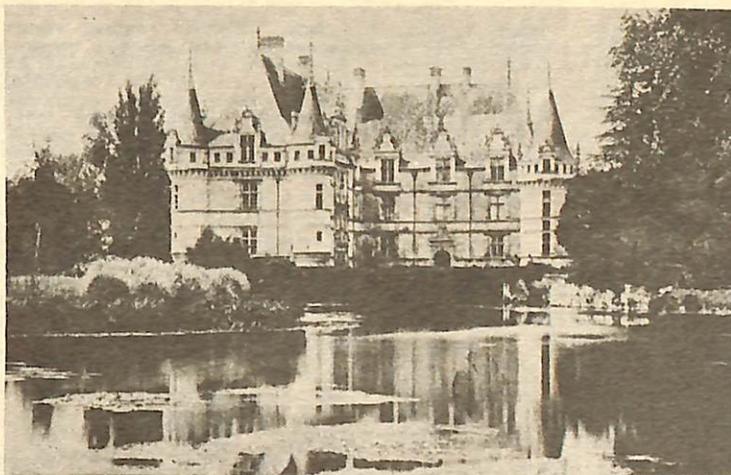
Cajamarca, 25, agosto, 1533 (Do enviado especial) — Desde a sua prisão, que Atauvalpa vem sendo pressionado por Pizarro para entregar-lhe ouro e prata. Para ser libertado, ele prometeu encher um quarto de ouro até onde seu braço alcançasse. Mensageiros de Atauvalpa partiram para todos os pontos do império e retornaram carregados de ouro.

Apesar disso e das ameaças constantes que cercam a expedição, é certo que Pizarro está disposto a liquidar Atauvalpa, tendo preparado tudo para a condenação do imperador por um pseudotribunal.

EXECUTADO

Cajamarca, 29, agosto, 1533 (Urgente) — Atauvalpa foi estrangulado por ordem de Pizarro. Seguem detalhes da condenação e da execução.

ARQUITETURA



O capitalista Gilles Berthelot gastou uma fortuna na construção desta magnífica e elegante moradia que é o Castelo de Azay-le-Riedeau, às margens do rio Indre, e em meio a pradarias verdejantes.

Berthelot, homem de apurado bom-gosto, sabe receber como poucos «hostes» da França. Ele iniciou a construção do castelo em 1518 e a terminou em 27, cerca de dez anos de trabalho ininterrupto.

Proibida emigração de judeus

Lisboa, 1532 — (Urgente)

D. João III firmou um alvará proibindo a emigração de judeus, sobretudo os chamados «cristãos novos» ou recém-convertidos, para o Brasil. O alvará proíbe taxativamente a emigração «com mudança de casa e venda de propriedades», sob pena de prisão e confisco de bens em proveito do erário.

Um dos motivos que vinha acelerando a partida de pessoas da raça hebraica para o Brasil, além das perseguições aqui movidas, foi a instauração do Santo Ofício da Inquisição em Goa, com a consequente proibição de entrada de judeus na Índia.

ANARQUIA NO JAPÃO

Japão, 1533

Reina nesta nação a mais completa anarquia política e religiosa. Dezenas de grandes senhores lutam entre si, desde meados do século passado, enquanto reformistas religiosos agravam a situação com lutas sangrentas, incêndios de mosteiros e templos, e vinditas terríveis de todos os lados.

DIPLOMACIA

A república de Veneza, como suas irmãs italianas, constituiu, sem dúvida, a mais perfeita organização em matéria diplomática. Seus embaixadores no século passado foram os melhores do mundo, formando grupo seleto de informantes admiráveis que traziam os doges em perfeito conhecimento da realidade política e econômica da Europa e do Oriente.

Neste princípio de século, a diplomacia já se apresenta em posição mais concreta como parte da máquina do Estado.

O embaixador é considerado como «espião privilegiado». O suborno é a arma principal dos diplomatas. Em todos os países da Europa e do Oriente, os embaixadores compram ministros, membros dos conselhos reais, príncipes e autoridades.

Não faz mais que seu dever, quando o embaixador leva a corrupção aos governos junto aos quais se encontra.

FUNDADAS S. VICENTE E PIRATININGA

(conclusão da pág. 1)

DECLARAÇÕES CATEGÓRICAS

— Não é verdade que o rei me mandou chamar. Voltei porque quis. As cartas que recebi de S. Majestade me davam liberdade de ficar ou de vir. Tudo o mais que se disser não passará de intriga. A prova de que o rei confia na minha lealdade e nos bons serviços que prestei, é que ele deu a mim e a meu irmão 150 léguas de terras naquela colônia.

— E quanto à sua ação no Brasil? — Fundei duas vilas: São Vicente e Piratininga. Contei com a inestimável ajuda de Tibiriçá, chefe da tribo dos guaianases, assim como do morubixaba Caubi, neste início de colonização. Em São Vicente, construí o primeiro engenho de açúcar. Entre fevereiro e março deste ano, distribuí sesmarias aos mais dedicados colonizadores, tais como Pero de Góis, Rui Pinto e Francisco Pinto.

— Uma pergunta mais, capitão: irá para o governo da Índia?

— Nada sei. O senhor, que é dono das notícias e vive próximo da corte, deve saber melhor que eu.

NOMEADO MARTIM AFONSO

Lisboa, 19, dezembro, 1533

Martim Afonso de Sousa foi hoje nomeado capitão-mor do mar da Índia. A nomeação se deve à intermediação do conde de Castanheira. Martim Afonso, que só embarcará no ano que vem, recebeu a nomeação com reserva. Em declarações a O BRASIL EM JORNAL, disse: — «Estou muito cansado com a expedição ao Brasil. Cumprirei a ordem real. Levarei para a Índia o doutor Garcia d'Orta, professor da Universidade de Lisboa e grande amigo meu.»

ÁGUA DO RIO DE JANEIRO MARAVILHOU PERO LOPES

(conclusão da pág. 1)

A SORTE DOS NAVIOS

— «Das 4 naus, uma impressionante, foi afundada. Outra veio sob o comando de João de Sousa, e as outras duas vieram comigo,

Os franceses não têm moral para reclamar. Eles que digam o que fizeram com a feitoria de Pernambuco em 30 e no ano passado. Depois dos assaltos e bombardeamentos, nossos patrícios foram obrigados a trabalhar como escravos para eles.»

— Acusam o senhor, capitão, de ter praticado atrocidades.

— É mentira. Agi como devia agir. Enforquei La Motte e seus principais lugares-tenentes, porque não podia tolerar nem punir de outra forma a traição que me fizeram. Vencidos, deixei-os soltos sob palavra. Não tardaram a organizar um complot contra mim no qual envolveram até índios.

Só o enforcamento poderia ser castigo suficiente para tal crime. Nada mais fiz do que agir como súdito português e lugar-tenente de meu irmão em defesa do prestígio e dos interesses da Coroa.»

A GENTE E A TERRA

— E sobre a terra e a gente do Brasil, capitão, que tem o senhor a dizer?

— Dentre as inúmeras regiões que conheci, a Bahia me impressionou bastante. É uma terra de gente alva e de mulheres tão lindas quanto as da rua Nova de Lisboa, respondeu o capitão com um sorriso malicioso.

— A terra produz bem? — Deixamos na Bahia dois homens e várias qualidades de semente justamente para testá-la.

— E os brasileiros, capitão? — São fortes e sempre prontos para a luta. A cada 2 léguas têm guerras uns com os outros. Eu mesmo assisti a um combate. Eram 50 canoas de cada lado com perto de 60 homens em cada. A luta durou até o pôr de sol. Os vencedores, à minha frente, mataram, assaram e comeram os prisioneiros, tudo com grande pompa. Curioso é que esses homens, quando estão doentes ou feridos, estabelecem para si próprios jejuns totais. Não comem coisa alguma.

MARAVILHADO COM O RIO

— Mas foi no Rio de Janeiro que encontrei a gente ainda mais gentil, talvez, que a da Bahia. É o que mais me impressionou ali foi a água. Abundante, limpa e tão cristalina como poucas vezes vi. Perguntei ao seu colega que me acompanhou. Ele lhe dirá a mesma coisa.

ESTRANHO HABITO

Os brasileiros, tais como os astecas, têm o estranho hábito de fumar. Essa revelação feita por Pero Lopes confirma outras de capitães que lá estiveram antes dele.

— E fumam muito mais quando estão doentes ou feridos, justamente quando se põem a jejuar.

UMA ÍNDIA CARANDIM.

— Capitão, meu companheiro que o acompanhou na esquadra me falou de certo caso seu com uma índia...

Pero Lopes sorriu antes de responder.

— Não faça intrigas. Lembre-se de que sou comprometido... Não houve caso algum.

À verdade é que, subindo o rio da Prata, numa das sortidas que fizemos em terra, encontramos três índios muito feios, acompanhados de uma índia de rara beleza. Você não pode imaginar que beleza! Cabelos castanhos caíam-lhe sobre os ombros morenos. Uma pele de animal cobria-lhe o corpo sem diminuir-lhe os encantos.

— O senhor ficou mesmo entusiasmado, capitão...

— Seu companheiro também. E todos os meus homens. Mas quem não ficaria? Demos-lhes presentes e, por meio de sinais marcamos um encontro para daí a seis dias.

— E ela voltou?

— Qual nada. Não apareceu mais. Lembro-me ainda que durante o encontro ela conservava os olhos timidamente baixos. Os índios carandims são muito ciumentos de suas mulheres. Pelo menos, enquanto são moças e bonitas. Talvez, por isso, só encontramos mais tarde, ao longo do rio da Prata, uma mulher velha e feia. E nisso se resumiu o caso que o seu companheiro exagerou tanto.

PORTUGUESES DO BRASIL

Finalizando a entrevista, o capitão Pero Lopes, imediato do «capitão-irmão», tal como ele sempre se refere a Martim Afonso, falou sobre os portugueses que encontrou no Brasil.

— Lá estavam quando chegamos entre outros, João Ramalho, no planalto de Piratininga, com muitos filhos; o «bacharel de Cananéia», Duarte Pires, ele também com vários filhos e filhas, das quais uma se casou com Gonçalo da Costa.

Além desses, lá está Diogo Álvares, que é casado com uma índia e também tem muitos filhos. Havia outros de que no momento não me recordo.

CATÓLICOS DERROTAM PROTESTANTES

Capel (Suíça),
11, outubro,
1531



ZWINGLI

Zwingli, líder reformista da Suíça, com grande influência na Alemanha e outras regiões da Europa, morreu hoje na batalha travada nos arredores desta cidade, entre católicos e protestantes zwinglistas, por ele comandados.

As tropas de Zwingli foram completamente derrotadas pelos católicos. Assistimos a um espetáculo horrível, quando o cadáver do comandante do exército de Zurich foi queimado na praça pública desta cidade.

Eurico Zwingli tinha 48 anos. Sua campanha reformista teve início em 1519. Não tendo conseguido transformar em protestantes todos os cantões da Suíça, moveu guerra contra os católicos. No ano passado, dos 13 cantões, 8 haviam adotado a reforma de Zwingli.

Zwingli batia-se contra o mercenarismo dos soldados suíços; contra as imagens de santos; contra o jejum, contra o celibato do clero e contra a autoridade universal do Papa.

Morto Zwingli, os luteranos e zwinglistas deverão unir-se numa luta comum, o que até agora não haviam conseguido em virtude de divergências profundas e intransigência dos dois líderes.

Portuguêses ameaçam Diu

Baçaim, Índia, 20, janeiro, 1533 (Do correspondente)

Soldados portuguêses ocuparam esta cidade sem derramar sequer uma gota de sangue. Após um desembarque de surpresa nas praias próximas, os lusos ocuparam a fortaleza abandonada pelas tropas do guzarate que fugiam. Observadores militares consideram esta operação como parte de um plano de larga envergadura para conquistar Diu.

Desde sua volta a Goa, em março de 31, Nuno da Cunha, governador da Índia, vem se preparando para conquistar Diu. Em Chale, entre Calecute e Cochim, foi construído um forte, verdadeira cabeça-de-ponte contra os domínios do sultão de Diu.

Antes essa cidade fôra cercada por uma frota de 400 embarcações portuguêsas, sob o comando do próprio governador que levantou o sítio em fevereiro de 31, por não confiar no espírito de luta de suas numerosas tropas.

São esperados, para breve, manobras de larga envergadura, no sentido da conquista de Diu.

AMEAÇA MONGOL

Goa, 1533 (Do correspondente) — O serviço secreto português apurou que está iminente uma invasão de mongóis contra os domínios do sultão de Cambaia, senhor de Baçaim. Notícias aqui chegadas dizem que é intenção do general do sultão, Badur-Shah, solicitar auxílio português contra esse novo e perigosíssimo inimigo.

DESAPARECE SEM EXPLORAR O AMAZONAS

Paris, 1533 (Do correspondente — Urgente)

Vitimado pela malária, morreu nesta cidade um dos mais destacados capitães de Cortez, Diogo Ordaz.

Ordaz, que participou da campanha do México, galgou o vulcão Popocatepetl e levou a seu soberano relatório das coisas que viu.

Em virtude de sua extraordinária coragem, o imperador Carlos V deu-lhe, em 20 de maio de 1530, poderes para conquistar e povoar todas as terras compreendidas entre o mar Caribe e o rio Maranhão ou das Amazonas, explorado por Orellana.

na. Ordaz teve combates com o corsário da Rochela, Florinet, e em 1531 subiu o Orenoco. Devido à fome e aos ataques dos índios, teve de regressar.

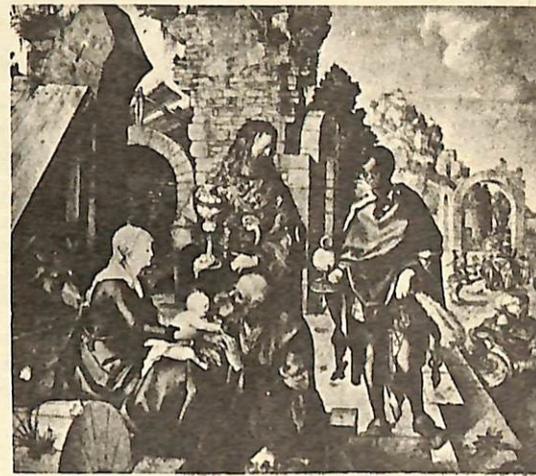
Se se consumasse a exploração e colonização de Ordaz, grandes terras às margens do rio das Amazonas cairiam sob domínio incontestado da Espanha. Tais terras, hoje, embora não questionadas, estão na mira dos portuguêses.

A morte de Ordaz deixa tranquilos os diplomatas lusos e desfalece a Espanha de um grande soldado.

Há 1533 anos
nasceu Jesus Cristo



LOCHNER
«Adoração dos Magos»



DÜRER
«Adoração dos Magos»



FOUQUET
«Adoração dos Magos»



GHIRLANDAJO
«Adoração dos Magos»



HUINI
«A Natividade»



BALDUNG
«A adoração dos Reis»



KULMBACH
«Adoração dos Magos»

Neste Natal de 1533 O BRASIL EM JORNAL, em homenagem à data máxima da Cristandade, rememora os grandes quadros inspirados no nascimento de N. S. Jesus Cristo. Todos eles foram pintados até 1530 e, se algum autor não está representado nesta coletânea, a falta se deve, unicamente, à dificuldade em fotografar os seus quadros.

Aproveitando a oportunidade desejamos a todos os nossos leitores e amigos uma data festiva junto às suas famílias neste 1533.º aniversário do nascimento de Jesus.

JORNAL ECONÔMICO

Lisboa, 1532

Para explorar o grande engenho de açúcar que fundou em S. Vicente, no Brasil, Martim Afonso de Sousa se associou ao conhecido banqueiro flamengo Erasmo Scheltz, chefe da firma de Antuérpia «Eramus onde Sonen», isto é, Erasmo & Filho.

Esta informação nos foi dada pelo agente dessa importante casa bancária aqui em Lisboa, sr. João Wenix, também conhecido por João Veniste. Esse mesmo agente nos adiantou, embora sem confirmação, que o ca-

pitão Fernando Lôbo, sócio de Martim Afonso, teria vendido sua parte no engenho ao banco em causa.

Convém lembrar aos nossos leitores que o primeiro engenho do Brasil, construído em Pernambuco por Pero Capico, foi totalmente arrasado e incendiado em fins de 1530 por piratas de um galeão francês.

Paris, 1533

A cotação dos produtos brasileiros nos mercados franceses registra as seguintes médias:

— pau-brasil, 8 ducados o quintal;
— sementes diversas, 3 ducados o quintal;
— papagaio falando francês, 6 ducados cada um;
— peles (leopardo etc.), 3 ducados cada;
— macaco, 6 ducados cada um.

Lisboa, 1532

O quintal de pau-brasil está sendo vendido por meio ducado. Na Bôlsa de Flandres cota-se o mesmo produto de dois e meio a três ducados.

Morre (em paz) Ludovico Ariosto

AGITAÇÃO NOS PAÍSES NÓRDICOS

Oslo, 1533

O tirano Cristiano II, deposto dos tronos escandinavos por Gustavo Vasa e Frederico Holstein, desembarcou em 31 na Noruega com 25 navios e 7 mil homens, vindo da Holanda, onde estava refugiado.

Conseguiu algumas vitórias iniciais, mas foi totalmente derrotado diante desta cidade.

Prêso, está recolhido à fortaleza de Sodemborg, na ilha de Alsen.

Dinamarca, 1533

Morreu o rei Frederico I (Holstein), fazendo nascer um grave problema: o da sua sucessão. O prefeito de Lubeck, Wullenwever, está tentando impor sua vontade aos diversos candidatos ao trono, o que tem agitado a burguesia e a nobreza. É impossível, por enquanto, prever qual será, de fato, o homem que subirá ao trono no lugar de Frederico.

Dinamarca, 1533 (Urgente)

Conflitos sangrentos, lutas, saques e pilhagens se sucedem em consequência da morte de Frederico I. Nobres, bispos, príncipes de todas as categorias aspiram ao poder. Os mais destacados contendores são os condes Cristóvão d'Oldenbourg e Albert de Mecklembourg.

Os camponeses, principalmente da Jutlândia, clamam pela volta do tirano Cristiano II que, durante o domínio que exerceu sobre este país, Noruega e Suécia, fez um jogo inteligente, embora despido de escrúpulos, lançando o povo contra os nobres, ao mesmo tempo em que se aliava com os mais poderosos burgueses.

Bagdá ameaçada

Tabriz, 1533 (Do correspondente)

Bagdá, capital da Pérsia, está séria e gravemente ameaçada pelos turcos, com a queda desta cidade agora em poder de Ibraim, grão-vizir de Solimão, o Magnífico.

Este país está sofrendo a guerra santa dos otomanos, uma vez que os persas são considerados pelos turcos como heréticos.

Ferrara, 1533 (Urgente)

Com a idade de 60 anos, acaba de morrer o escritor e poeta italiano Ludovico Ariosto, cuja fama se consolidou em 1516 com a publicação de sua espetacular obra «Orlando o Furioso».

Cercado de amigos, escritores, discípulos e admiradores, o seu passamento se deu como ele sempre desejou: em paz absoluta.

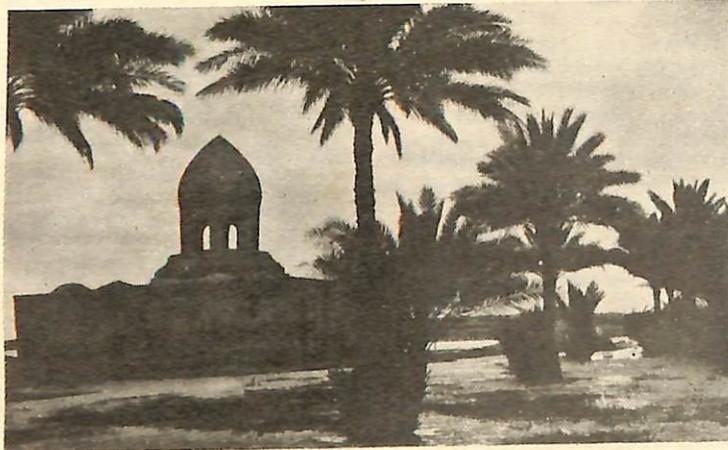
Ariosto nasceu em 1474 em Régio de Emília e durante a sua mocidade serviu ao cardeal Hipólito d'Este, tendo sido chefe de várias missões diplomáticas, o que contrariava seu extraordinário temperamento artístico. Por isso, recusou-se a acompanhar o cardeal em missão política na Hungria, passando ao serviço do novo duque d'Este.



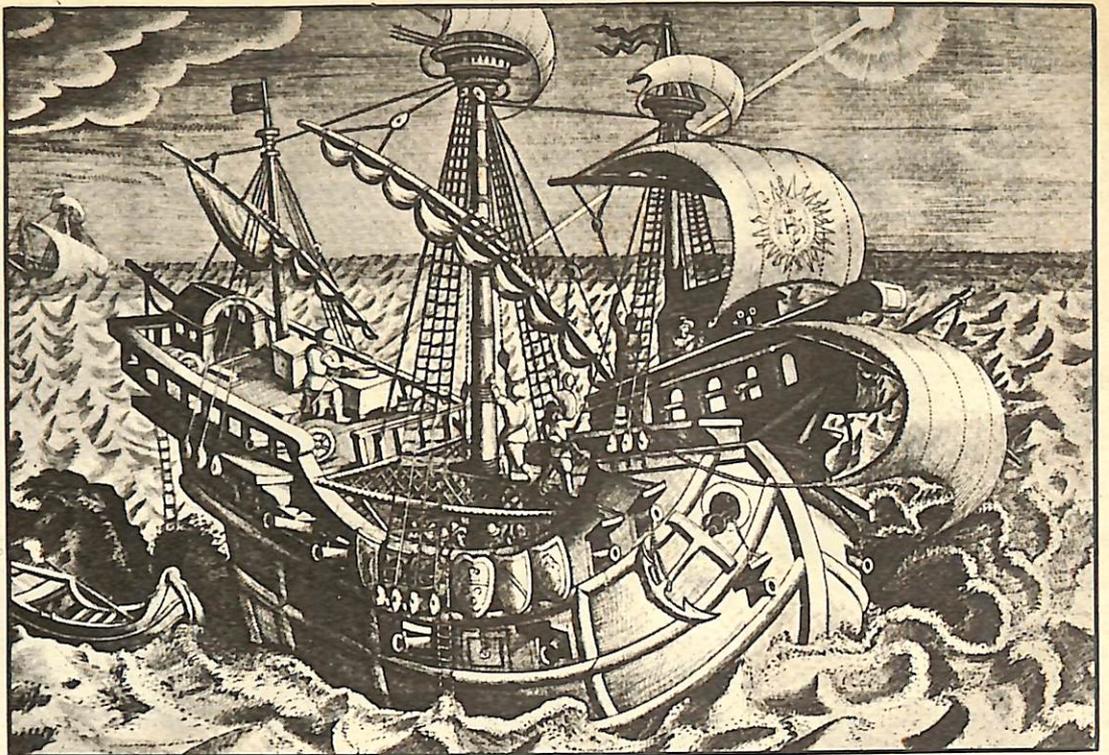
Ariosto foi, ainda, governador da província de Garfagnana, onde deu razoável demonstração de administrador e soldado. O «Orlando o Furioso» há pouco tempo foi aumentado de 6 cantos.

Ariosto compôs ainda deliciosas comédias como «Cassaria», «Suppositi» (uma curiosa intriga), «O Mágico» e «A Lena». Seu irmão afirmou à reportagem que ele deixa uma obra inacabada sobre os costumes universitários desta cidade.

Ariosto era de uma sensibilidade extraordinariamente apurada, de imaginação ardente e de graça refinada. Ele foi um gênio literário contrariado, no início, em sua vocação, mas ao qual não se conseguiu desviar da grandeza do seu destino.



Bagdá está sob ameaça turca



ELAS DOMINAM OS MARES

Portugal e Espanha singram os mares em todas as direções com seus galeões, caravelas, galeras e bergantins. São barcos armados — inclusive os de carga ou mistos — que enfrentam em mar alto as intempéries e os corsários.

Já a França e a Inglaterra começam a reivindicar seriamente o direito de levar suas

velas às novas terras. A Espanha dispõe hoje de cerca de mil barcos de todos os tipos. Portugal, para garantir seus domínios de além-mar, é obrigado a manter sempre em dia sua frota.

Os mares, dessa forma, são cada vez mais importantes e mais navegados por caravelas como a que apresentamos na foto.

SUBÓRNO NA CÔRTE DE FRANÇA

Paris, dezembro, 1533

Estão nesta cidade dois enviados da coroa portuguesa: João Vaz de Caminha e Gaspar Palha. Apesar do caráter mais ou menos sigiloso da sua missão, podemos informar que eles aqui se encontram para evitar, por todos os meios ao seu alcance, que sejam concedidas novas cartas de pirataria a navios franceses.

Um tratado entre Portugal e França para acabar com o corso — assinado em Fontainebleau em 1531, tendo a representar os portugueses Antônio de Ataíde e Gaspar Vaz e os franceses, o cardeal Sans, o senhor de Montmorency e o almirante Chabot de Brion — fracassou redondamente, pois a França continua a contrabandear mercadorias, apresar e afundar navios portugueses.

Fontes semi-oficiais, dignas de todo o crédito, afirmam que os enviados de Portugal têm mantido contato com o corpo de espíões que possuem aqui — entre eles cita-se até mesmo a irmã do grão-mestre Montmorency — assim como comprado a peso de ouro altas autoridades francesas. O próprio almirante Chabot de Brion, conseguimos comprovar, está recebendo uma pensão de 4 mil ducados anuais pagos por Portugal.

FRANCISCO I CONTRA A REFORMA

Paris, 10, dezembro, 1533

Francisco I transmitiu hoje ao parlamento duas decisões contra a heresia representada pela Reforma. Estas são as primeiras medidas tomadas pelo rei contra os protestantes, uma vez que até há bem pouco, sob a influência de sua irmã, Margarida de Navarra, simpática aos reformistas, vinha mantendo uma atitude pelo menos neutral.

CIDADE FLUTUANTE

não consegue flutuar

Havre, 1533

A famosa «Cidade Flutuante», já terminada, não pôde ainda navegar. É certo, segundo afirmam os armadores locais que a «Grande-Françoise» não navegará jamais. Foi um projeto absolutamente fora das condições de navegabilidade, uma vez que não é possível admitir que uma embarcação tão grande e tão pesada consiga permanecer sobre as águas e movimentar-se como qualquer galera ou caravela.

Como noticiamos em nosso despacho anterior, o gigantesco navio tem cinco mastros, dispondo, além de outras instalações, de moinho, jogo de pela, forja, forno e uma capela.

Deveria transportar até 1.500 homens, o que ainda mais agravava as suas condições de navegabilidade.

Assim, a «Grande-Françoise» está mesmo destinada a servir de «monumento» neste porto de Havre, perdidas que estão todas as esperanças de fazer o barco navegar como qualquer outro.

Tinham razão os armadores que, falando a O BRASIL EM JORNAL logo no início da construção da «Cidade Flutuante», disseram que o projeto não passava de sonho irrealizável.

Nicola Cop, Calvino, Vatable, Toussaint, Danes, Courault, Bertault, Roussel e outros pregadores das novas idéias, na maioria catedráticos da Sorbonne — Faculdade de Teologia — estão foragidos ou exilados.

Em 18 de maio Francisco I se mostrou condescendente com os reformistas, chegando até a suspender os sermões e a exilar os professores que, chefiados por Bedier, haviam censurado o livro de sua irmã, «Espelho de uma alma pecadora».

A 1º de outubro novamente os teólogos condenaram o livro de Margarida, proibindo a sua leitura, mas seu irmão, Francisco I, em 8 do mês passado, anulou essas medidas.

João Calvino, sacerdote de 24 anos, nascido em Noyon, tendo cursado várias universidades francesas, foi recebido em junho, na Universidade de Orleans no grau de doutor.

Foi ele, quem, de tendências reformistas já declaradas, redigiu o ruidoso discurso lido a 1º de novembro passado por Nicola Cop, perante a Sorbonne, e no qual defendia e adotava as teses pregadas por Margarida de Navarra em seu já célebre livro.

Esse discurso causou, agora, exatamente um mês depois, a reviravolta definitiva do rei contra os reformistas em França.